

EUA URSS

Internacional

LESTE-OESTE

NANCY: ELES TIVERAM SUAS RAZÕES.

Ela fez esse comentário sobre a revolução após visitar o museu dos tesouros dos tzares. Mas ressaltou que continua tão anticomunista como antes.

"Nunca vi uma cidade tão linda em toda minha vida", exclamou Nancy Reagan ao visitar ontem Leningrado, a 700km de Moscou. Na antiga São Petersburgo, capital do Império russo — também conhecida como a Veneza do Norte —, a primeira-dama norte-americana se emocionou ao ser recebida por dezenas de milhares de habitantes que lhe atiraram flores, e se encantou com seus velhos canais, pontes e palácios. Mas foi no museu do Hermitage, sede de uma das coleções de arte mais importantes do mundo, que Nancy, conhecendo os tesouros dos czares, disse ter tido um pouco mais de compreensão das causas da revolução russa — apesar de continuar tão anticomunista como antes.

A comitiva de Nancy, saudada entusiasmadamente ao longo do trajeto entre o aeroporto e o centro da cidade (a segunda da URSS), fez uma parada no cemitério de Piskaryov, onde estão sepultados 700 mil vítimas do cerco de Leningrado durante a Segunda Guerra. Com um leve vestido amarelo, a visitante depositou flores diante do monumento de 48 metros de altura, e se inteirou da razão diária fornecida à população local durante o longo cerco (1941-1944): uma fatia de pão de centeio de 125 gramas. Voltando a seu Cadillac trazido especialmente dos EUA, onde viajava acompanhada por Lídia Gromiko, esposa do presidente soviético Andrei Gromiko, Nancy se dirigiu em seguida ao palácio de inverno dos czares, transformado no museu Hermitage — onde ela tocou em quase tudo que viu, apesar da inscrição "favor não tocar" — e depois ao palácio imperial de verão, Petrodvarets, uma área de 100 hectares à beira do Golfo da Finlândia.

Foi mais tarde, a bordo do avião presidencial Air Force One, que a reconduziu a Moscou num voo de 90 minutos, que a dama de Washington, descontraída, teve tempo de falar aos jornalistas. Referindo-se ao luxo e opulência dos lugares que visitara — ricas tapeçarias, lareiras de lápis-lazuli, mesas de malaquita e móveis banhados a ouro, e especialmente uma manta de cavaleiro incrustada de diamantes —, a sra. Reagan disse que "quando vi o que eles usavam em seus cavalos, em comparação com o nível de vida do povo, tive certa compreensão de como e por que as coisas aconteceram". Mas, ao lhe perguntarem se isso a tornava mais simpática ao regime comunista, respondeu com um enfático "não".

E, quando lhe indagaram se a URSS continuava sendo para ela o "império do mal", Nancy disse que "a filosofia e as posições comunistas são completamente diferentes das nossas", mas que o povo soviético era "muito franco e cordial". E completou: "Não tive uma verdadeira ocasião para falar com muitas pessoas, e as únicas conversações que mantive foram numa base muito emotiva".

Os jornalistas aproveitaram a ocasião para saber da senhora Reagan se ela efetivamente havia consultado astrólogos para assessorar seu marido nos itinerários de viagem, mas ela descartou a questão dizendo que "já se disse tudo" sobre o assunto e, a uma pergunta sobre se "os astros não estavam em posição propícia" para uma resposta, fulminou o inquiridor com o olhar. Nancy só voltou a rir às gargalhadas quando lhe indagaram se tinha intenção de escrever um livro sobre as revelações do ex-chefe da Casa Civil Donald Regan sobre seu interesse por astrologia, e respondeu: "Pode ser", mas advertiu: "A minha maneira" (My Way), parodiando uma música do cantor Frank Sinatra.

A primeira-dama dos EUA elogiou muito sua companheira de viagem, Lídia Gromiko, chamando-a de "cálida e amistosa". Dando provas de sua sinceridade, Lídia respondeu, quando lhe perguntaram se estava cansada: "Claro que estou. Tenho 77 anos, como poderia não estar?". Ao voltar a Moscou, Nancy ainda tinha pela frente sua principal tarefa do dia: recepcionar, ao lado de Ronald, o casal Gorbachov, num jantar de gala na Spaso House — a residência do embaixador dos EUA em Moscou.



Uma pose para os fotógrafos após atirar moedas na fonte Sansão e o Leão, em Moscou.



Tomando sol à margem do rio Moscou (ao fundo, o Kremlin).

Os moscovitas falam (bem) do casal Reagan

Depois do inverno russo, a primavera é uma estação muito especial. Mas este ano, além dos canteiros abarrotados de flores nos jardins centrais e do brilhante sol de maio, os moscovitas arranjaram um motivo a mais para se alegrar: como disse a norte-americana uma alta e loura garçone de um dos novos cafés com mesas na calçada que anunciam a perestroika: "Eu estou muito contente pelo fato de seu presidente estar aqui. Isto significa um futuro pacífico, e por isso estou contente".

A visita de Ronald e Nancy não mudou substancialmente a vida dos moscovitas, mesmo a dos que sofrem com paciência as alterações do tráfego diante da passagem da limusine negra do presidente dos EUA pelas ruas centrais, mas parece que modificou substancialmente suas opiniões sobre o casal. "Talvez Reagan tenha melhorado, talvez nós tenhamos melhorado ou, quem sabe, agora tenhamos mais informações sobre ele", disse um jovem consultado pela EFE na rua de pedestres Arbat, no centro da cidade. (Antes da cúpula de Genebra em 1985, Reagan só aparecia nos meios de comunicação soviéticos para ilustrar as críticas à sua posição "anti-soviética" e "militarista", ou como protagonista de mordazes caricaturas.)

Um policial encarregado de vigiar as imediações da residência dos Reagan na capital soviética concordou com a tese de que hoje há mais informações sobre o presidente norte-americano, mas disse estar desapontado com a reunião que Reagan manteve na segunda-feira com os dissidentes — "que causaram muito mal ao

país e podem dar ao presidente uma impressão negativa" — quando há "pessoas muito melhores para se entrevistarem com ele". A apenas alguns metros da Casa dos Escritores, onde Reagan se reuniu ontem com intelectuais soviéticos, uma economista declarava, na rua Gertsena, que tinha melhorado sua opinião sobre o presidente dos EUA, porque "ele parece querer muito bem as mulheres soviéticas" — uma clara referência à alusão de Reagan à pesada carga das mulheres russas na família e na sociedade.

"Sempre gostei de Reagan. Se o povo norte-americano o elegeu, é porque ele é bom", disse uma pintora que exibia seus quadros nas calçadas da rua Arbat. E Nancy Reagan também parecia ser bem vista pelos moscovitas: a primeira-dama dos EUA é prikaznaya (maravilhosa), na opinião de duas jovens trabalhadoras. A maioria dos entrevistados disseram ter muitas esperanças de que a atual cúpula seja "um acontecimento positivo", ainda que não se alcancem os objetivos fixados. Esta é também a opinião de um coronel do Exército, que disse que a redução de 50% nos arsenais nucleares poderia afiançar a paz — "questão importante sobretudo para os militares".

Os moscovitas aproveitam a presença na capital de norte-americanos para trocar espontaneamente com eles opiniões sobre temas tão amplos como liberdade sexual e limitação nas informações, tanto nos EUA como na URSS. Os "debates" se sucederam na madrugada de ontem, tendo como fundo guitarras de jovens que interpretavam canções dos Beatles.

DESTAQUE INTERNACIONAL

URSS — Dois importantes comentaristas soviéticos rebateram ontem a afirmação do ex-chefe do PCUS em Moscou, Boris Yeltsin, que responsabilizava Iegor Ligatchov, o número dois do Kremlin, pelo bloqueio das reformas econômicas e sociais na URSS. Em uma entrevista à BBC de Londres, Yeltsin disse que Ligatchov emperrava a perestroika e deveria renunciar a seu posto no Politburo. Ontem, Feodor Burlatsky, ex-membro do Comitê Central do PCUS, retrucou: "É natural que Ligatchov tenha pontos de vista pessoais. Mas isso não é oposição". Alexei Arbatov, vice-diretor do Instituto de Economia e Relações Internacionais, acrescentou: "Não concordo com as opiniões do senhor Yeltsin". Yeltsin foi afastado da direção do partido e apelidado de "kamikaze da perestroika".

IUGOSLÁVIA — A Conferên-

cia da Liga dos Comunistas da Iugoslávia encerrou seus trabalhos ontem com severas críticas contra os privilégios dos funcionários do partido e do Estado, exigindo investigações sobre esses privilégios. O dirigente sindical Zvonimir Hrabar pediu uma apuração das denúncias de corrupção contra destacados dirigentes do partido, especialmente do ex-presidente da Liga, Milanko Renovica, que teria desviado recursos do Estado para a construção de apartamentos e residências de veraneio particulares.

EL SALVADOR — Pouco antes de partir para os Estados Unidos, onde receberá tratamento médico, o presidente de El Salvador, Jose Napoleón Duarte, negou ontem que estivesse com um câncer no estômago. Em um breve discurso, ele disse que sofre de uma úlcera hemorrágica "maligna".

AFEGANISTÃO — O segundo comboio militar soviético começou a se retirar ontem da cidade afegã de Ghazni, dirigindo-se ao norte, até a fronteira com a URSS. O jornalista francês Alain Guillo, libertado no sábado pelas autori-

dades de Cabul, depois de permanecer nove meses preso, disse que a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão "desorganizou o sistema e provocou lutas internas que podem levar a um banho de sangue".

FRANÇA — A polícia aduaneira francesa prendeu ontem Julien de Madariaga y Aguirre, suposto fundador do movimento separatista basco ETA, na cidade de Biarritz. Ele foi acusado de associação criminosa e porte ilegal de armas e está sendo levado a Paris para um interrogatório.

ISRAEL — Um total de 207 palestinos já foram mortos por soldados israelenses desde que começaram os distúrbios nos territórios árabes ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, em 8 de dezembro, segundo o porta-voz militar do Exército de Israel, general Ephraim Lapid. Outras 50 mortes ainda estão sendo investigadas.

FRANÇA — "A França continuou a entrega secreta de armas ao Irã até as recentes eleições presidenciais", afirma o semanário Le Canard Enchaîné. O objetivo: libertar reféns franceses no Líbano.

COLÔMBIA

O líder conservador, em mãos de narcotraficantes?

A nuava clareza conser do em tidos por na da tel rádio que G der do tes lig que pe mento horas: mo gru tindo: "E o leva: uma r pois d voz do.

As rias cu presos firmas execuç Estado New Y ções d canos banas ram cc zenas. Ni maior 3.100 i "situc dentro caract afirmi dráti Unives

Revisão da História suspende exames escolares

A URSS suspendeu temporariamente os exames de História do fim do curso de nível médio, até que sejam publicados novos livros escolares contendo a visão mais imparcial da matéria defendida pelo líder Mikhail Gorbachov. Funcionários de escolas, alunos e pais de alunos revelaram ter sido informados pela Comissão Estatal de Educação, há duas semanas, de que os exames de História aplicados nos últimos dois anos do curso médio, normalmente muito rigorosos, serão substituídos por uma discussão oral sobre os acontecimentos atuais. "Nossos livros escolares contêm informações que não são corretas. Tudo o que foi ensinado antes está superado. Hoje sabemos muito mais do que sabíamos, e é melhor suspender os exames até a publicação de novos livros", comentou Yevgueni Topaler, diretor da Escola n.º 67 da zona Oeste de Moscou, a uma repórter do New York Times.

PREPARE-SE!

Dê o pulo do gato!

Financiadora *Mappin*

DINHEIRO NA MÃO PARA: